



INTERIOR.

CHRONICA ADMINISTRATIVA.

Dos numeros do *Correio* que temos á vista apenas notaremos o decreto que concede demissão ao snr. M. da F. Lima do cargo de ministro do imperio, e o officio que lhe foi dirigido participando-lhe que o exm.º Regente aceitara a demissão dada. O decreto se acha transcripto abaixo, o officio é o mais honroso que por ventura se tenha lavrado em taes circumstancias; n'elle se declara que o ex-ministro preheueu as funcções do seu cargo com o zelo, lealdade e patriotismo que o distinguem. Seus actos ahi estão, e por elles conhecerá o publico da justiça do referido officio.

Gosam socego as provincias de Goyaz e Minas.

O Regente, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro Segundo, Attendendo ao que lhe representou o Coronel Manoel da Fonseca Lima e Silva, Ha por bem acccitar-lhe a demissão do Cargo de Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, Louvando e Agradecendo os bons serviços que

prestou no exercicio do mesmo Cargo.

Palacio do Rio de Janeiro em vinte e quatro de Abril de mil oitocentos e trinta e sete, decimo sexto da Independencia e do Imperio. — Diogo Antonio Feijó. — Antonio Paulino Limpo de Abreo.

(*Correio Official.*)

— Si o governo ainda nos não incommodou com accusações e denuncias, porque tem o CHRONISTA tantas apprehensões contra o decreto de 18 de março? Esta pergunta nos faz o *Correio*, e perdoe que lhe digamos, que semelhante pergunta é a do egoista que só se importa com o que lhe diz respeito, sem curar dos males que pesam sobre os outros. E' verdade que ainda não fomos accusados, mas por isso devemos impassiveis ver o golpe que se deu na liberdade de exprimir o pensamento com o decreto de 18 de março? As vezes o *Correio* escreve o que não pensa.

— Demittiu-se finalmente o snr. Lima, ex-ministro da guerra e do imperio. Acima acharão os nossos leitores o decreto de demissão, e julgamos que todos pensarão connosco que

se deve louvar a resolução firme e decisiva de deixar a pasta e o ministerio. O ministerio do snr. Lima já é uma recordação historica. Prasa aos coos que no seguinte numero outro tanto possamos diser dos mais ministros!

— Falla-se em uma modificação ministerial. Disem por ahi que os snrs. Castro e Silva e Gustavo serão demittidos, e que substituirá ao snr. Gustavo o snr. de Montezuma. Assim se irá verificando o que dissemos em outro numero: o *ministerio se demittirá, e as camaras não terão quem responda pelos actos bons ou maus* que se hajam praticado. E' este o melhor meio de impedir que o poder legislativo fiscalise os actos da administração.

— Amanhã toma posse da presidencia do Rio de Janeiro, como seu vice-presidente, o snr. dr. Vaz Vieira, por ter o exm.º snr. Paulino de tomar assento na camara dos deputados. Recomendamos ao snr. dr. Vaz Vieira muita prudencia na administração da provincia, e que se não deslize do caminho da probidade que até aqui tem trilhado. Siga os passos dos snrs. Torres e Paulino e sua administração não terá detractores.

— Apressamo-nos e desmentir a noticia que se dera n'esta corte da morte do snr. deputado Alves Machado. Certificam-nos que mesmo em S. Paulo corrêra como verdadeira esta noticia, e até nos asseguram que se fiseram exequias pela alma do snr. Alves Machado.

— As noticias do Rio Grande que ultimamente publicou o *Pharol do Imperio*, e que são em parte confirmadas por uma carta que

APPENDICE.

FUI AO BAILE.

Quia talia fando temperet a lacrymis?!

VIRG.

Que horror!

Aquelles de meus leitores que se presam de ter coração sensível preparem-se para prantearem a minha desgraça, — que desgraça é ir um homem a um baile: — aquelles que de tudo escarnecem, que ridicularisam tudo, preparem-se para dar gargalhadas á minha custa, — que nada é mais ridiculo do que ir a gente ao baile, quando pode estar em sua cama dormindo a somno solto. Fui ao baile. Não direi aqui quem me convidou, nem tão pouco em qual dos muitos bailes d'esta corte fiz a minha entrada no mundo do bom tom: apenas vos contarei, amigo leitor, o que se passou n'esse dia de mau agouro e que certo entrará na lista dos dias nefastos de minha vida. Ainda eu não havia almoçado quando principiei a preparar a roupa com que me devia vestir para ir ao baile, e como me haviam dito que o *grande tom* exigia que se fise-se a barba de manhã para tornal-a a faser á noite, logo depois de almoço me sentei ao espelho, armei-me de navalha e os pobres queixos me pagaram a mania do *petit-maitrise*. Estava a barba feita, as cadeiras estavam

cobertas de roupa, e eu observava de longe o effeito optico que faria a reunião de diversas côres. Juntei, ou antes engoli o meu jantar, e ainda não havia fixado minha escolha. Era mister decidir-me, a noite se aproximava, e o meu bom gosto hesitava entre a casaca e a sobre-casaca, entre a calça branca e a preta, e ainda agora estaria por decidir-me si me não lembrasse d'um casamento que vi lá na minha terra, e por comparação escolhi o que devia vestir. Esquecia-me diser que muitas vezes folheei o *Manual do bom tom* sem poder n'elle encontrar o que queria, porque quando eu desejava saber que calça ou colete se deve vestir ou calçar para ir a um baile, elle me fallava em trincar galinhas, perdises, &c.; — e quando eu queria saber como se deve tomar chá nas sociedades de bom tom, elle me fallava de gravata á *Napoleão*, *Lafayette* e quantos outros diabos ruseram lá por França.

E' noite, e acendem-se velas, e vou de novo barbear-me, porém com tanta infelicidade, que com os restos de cabelo que havia foi-se-me tambem parte da pelle, — mas são esses os precalços do *petit-maitre* de bom gosto. Sem duvida escusaes os pormenores do que se passou até que me principiasse a vestir, nem eu tenho vontade de contal-os.

Descrevei agora a maneira porque me vesti para ir a este maldito baile. De todas as camisas engomadas que tinha, que

eram poucas, julguei que a mais appropriada era uma bordada com renda na abertura; — é a mesma que visto quando faço alguma visita de mais cerimonia. Calcei uma calça branca bem engomada; puz ao pescoço um lenço de seda pintado, vesti o meu colete côr de flor de alecrim com listas róxas, e depois minha casaca azul de botões amarelllos, golla estreita, comprida e torta como a folha d'uma espada de passeio, em fim a casaca dos domingos, dos dias de annos, baptisados, &c., &c. — Oh! esquecia-me dos pés; bonitas meias brancas pintadas de azul, e sapatos grossos que eram os unicos que tinha na occasião. Depois de prompto e vestido escovei o cabelo, — que é do bom tom, — metti na algibeira o relógio, tendo pendente grossa corrente de ouro, que finda em dous grandes sinetes e chave tambem de ouro, puz o meu chapéo branco, tomei a bengalinha e sahi. Ah! como eu estava bonito! Uma velha minha visinha cuja approvação eu desejava, quando assim me viu disse trez vezes. — *Figa! não te botem quebranto!*

Encaminhei-me para a casa do baile: — antes eu a achasse arrasada e em baixo de suas ruinas todos esses barbicás, que zombaram de mim. Cheguei á rua em que ella está situada, e no principio da rua já eu ouvia uma bulha capaz de ensurdecer um pobre christão. Embiquei a porta, e ahi en-

temos á vista, escripta d'aquella provincia, são assustadoras.

Não garantimos nem uma d'essas noticias, mas pedimos ao governo haja de tomal-as na devida consideração: despreze o *systhema* das contemplações e salve a provincia.

A REALEZA.

Não tenho a pretensão de sustentar uma these sentimental sobre a legitimidade. Sei que cada epocha tem seu espirito e suas necessidades; conheço as transformações sociaes que a cada paiz impõe o tempo. E' possível que a legitimidade desapareça com a hereditariedade de raça, com a potencia da antiguidade. A unica cousa que aqui estabeleço é que sob o imperio da actual sociedade, nas relações com as soberanias europeas, o principio da legitimidade é força e ao mesmo tempo facilidade de governo.

Vivemos em uma epocha de duvidas; todos os poderes passam por exame, indaga-se a origem de tudo; assim um principio incontestavel, uma authoridade inquestionavel é uma verdadeira protecção dada a ordem.

Doas theorias disputam dominar a sociedade humana há trez seculos: — a fé e o exame, a obediencia e a duvida. E' possível que o protestantismo politico succeda á fé monarchica, e então a legitimidade não passará de vã recordação: — apenas virá uma fraca compaixão historica levantar-a de suas cinzas.

Até então por onde se poder manter a legitimidade, ella imprimirá sua força e sua energia em todos os poderes da sociedade; com sua egide cobrirá os corpos constituídos, sob qualquer titulo que seja e até mesmo a familia que tem tambem seu prestigio e seu dogma de legitimidade.

Há um grande poder em toda a ordem politica quando há uma authoridade soberana

que domina o edificio constitucional. Releva que os povos tenham sua religião, e que haja um poder cuja origem se perca nas velhas instituições da patria.

Não é isto uma simples e pura theoria, é uma força practica applicavel aos mais pequenos actos da administração. Será uma desgraça? será um preconceito? — Embora; menos respeitada é sem duvida a authoridade que todos julgam ter creado. Nas commoções populares é facil soffrer denominações improvisadas com a circumstancia, deixar-se impôr qualificações antipathicas, chamar ao poder realza cidadã, a melhor das republicas, mas tudo isto é accidental. A realza está acima dos cidadãos e não marcha a par d'elles; ella não é civica; não deve ser republicana, como não é catholica ou pontificia: — a realza existe por si mesmo; pôde ter sua origem no dardo do soldado, na uncção santa, ou na deliberação constitucional dos corpos politicos, porém cedo ou tarde ella deve procurar perpetuar-se pela hereditariedade; tal é seu fim e seu destino. Só assim é ella irresponsavel, porque nem um poder a pôde destruir. Sem duvida tem a realza limites, mas não tem existencia precaria; não está exposta a deploraveis ataques: respeitam-a, e não se fraternizam com ella. Minha opinião historica é que a Restauração não teria prehenchido seu fim si não tivesse por si a legitimidade: foi o que salvou o paiz.

A Restauração teve de tractar com a Europa; e em quanto o espirito das revoluções não tiver ceifado as velhas dynastias, que ainda dirigem seus destinos, a realza legitima achará necessariamente n'estes soberanos mais confiança. A legitimidade deu causa ás transações de 1818 em Aix-la-Chapelle, quero dizer, livrou o territorio da occupação estrangeira; pôde responder pela paz do paiz; pôde dar sua palavra, que foi acreditada.

Cumpra que haja sympathia de principios, para que exista completamente mutua con-

fiança. Quando todas as realzas se derivam d'uma origem commun, ellas se conhecem e prestam apoio mutuo. Não sem motivo se chamou *familia de reis* a esta vasta reunião de cabeças coroadas que há seculos tem o habito de tractar entre si; indubitavelmente podem ellas desaparecer todas em um naufragio commun, mas sua coexistencia é uma mutua garantia, dá immensa facilidade aos negocios publicos. Creio que os honrosos e patrioticos esforços que se fiseram para alcançar o desarmamento da Europa teriam feliz successo, si todos os reis tivessem igualmente sobre sua cabeça essa aureola de antiguidade, essa sancção dos seculos, que fasia diser ao mesmo Napoleão, que instituiu tantas realzas, algumas das quaes lhe sobreviveram: — "Não ser eu meu neto!"

Reconheço os eminentes serviços do principe que nos governa; mais que ninguém reconheço tambem os immensos soccorros que há prestado á ordem e á paz da Europa. Os soberanos o sabem muito bem. Quando a historia imparcial narrar esta carreira de desvelados trabalhos e serviços da nova realza, dirá que os conhecimentos practicos do rei dos Francezes, a habilidade de sua administração, a intelligencia das cousas e dos homens muito tem cooperado para o repouso do mundo e força do poder. Mas isto é o apanagio do rei e não o de sua realza; não é a instituição, mas o homem; não é a corôa mais o principe; — resultado glorioso ao reinado em face da posteridade immensa que acalma as paixões, e amortece os odios de partido.

A monarchia de 1830 não tem força sinão em si mesma; não tem apoio sinão na confiança que o monarcha inspira: — si ella resistir ás tempestades, Luiz Philippe a terá salvado, e brilhante será o papel que representa.

Sei que marchou em um circulo de fogo. Como historiador digo quaes são minhas impressões, ainda que as facções me accusem

contrei um sugeito, — figurinha insignificante, com a roupa pregada no corpo, e cá com os meus botões tive que era algum criado da sociedade bailarina, — pouco caso fiz d'elle e quiz entrar quando me foi impedida a passagem pelo tal judeu: mostrei-lhe o bilhete que me havia dado o meu amigo, e poz-se a lêr, como quem soletra, e de vez em quando desviava os olhos do bilhete e media-me de alto á baixo. Si eu não fosse algum tanto prudente, certo havia desordem. Depois d'um bom quarto d'hora me disse elle, como duvidando:

— Vm. é o senhor F.?

— Sim senhor.

— Um dos redactores do CHRONISTA?

— E' verdade, disse eu pondo-me no bico dos pés e algum tanto enfatuado por me conhecerem por esta qualidade.

— Pode entrar.

— Pensei que me queria impedir a entrada... resmunguei, e fui subindo a escada, não sem reparar que o tal sugeito ainda me acompanhava com a vista.

Entre para a sala com meu chapéo debaixo do braço, e a bengalinha na mão. Immediatamente cessou a bulha, uns cochichavam ao ouvido de outros, houveram risos suffocados, e todos pregaram os olhos na minha pessoa. Pensei que esta mudança era originada por algum dito galante, ou acontecimento que excitasse aquelle movimento: — todavia, como

não gosto que olhem para mim com muita attenção, subiu-me ao rosto foga vermelhidão, e com os olhos procurei onde estaria o meu amigo invitante. Estava em um canto conversando com alguns sugeitos, que eu não conhecia, e para que lá chegasse era-me necessario atravessar a sala; assim o fiz, e os risos continuaram. O meu amigo logo que me viu retirar-se precipitadamente do circulo em que estava, e aproveitando-se d'uma porta que estava proxima desapareceu por ella. Fiquei com cara d'asno no meio da sala, e indeciso si devia prosseguir ou retroceder: os risos suffocados foram substituidos por algumas gargalhadas, e então conheci que minha posição no meio da sala era o motivo d'ellas. Em que terivel posição estava eu!

A hilaridade, por felicidade minha, cessou por se baterem palmas na sala. Alguns jovens vestidos por forma singular e burlesca, e com cabelleiras se levantaram, e todos se pizeram em movimento abandonando repentinamente o objecto que os tinha tanto alegrado. Assim é o genero humano, qualquer cousa por insignificante que seja o distrahe do maior prazer ou da mais pungente dôr! Cada um dos taes amigos se foi ter com uma das senhoras que estavam na sala e vieram para o meio da casa: as cordas da rebecca soaram com trez arcadas que deu um rebequista, e eu aproveitando o geral movimento me fui escoando por entre elles, e cheguei-me para uma janella que me fi-

cava defronte, e estava solitaria.

Depois de algum tempo, já fervia a dança, recobrei animo, e reparei que ainda estava de chapéo na mão e bengalinha, o que não via na casa. Tive tempo de ir guardal-os, e voltei ao meu posto, d'onde á vontade vi dançar rapazes e raparigas. Mas que dançar morno e monotono! Não haviam pulos, nem sapateados, todos arrastavam os pés em ar de desdem, e a isto chamavam dançar á Franceza! O' danças de minha terra! quanto ficas a perder de vista!

Acabou a contradança, todos voltaram a seus lugares; algum silencio reinou na sala, mas foi momentaneo. Alguns homens deram o braço a senhoras e principiarão a passear pela casa, e quando passavam por defronte de mim, olhavam para o meu lado e riam-se. Não me parece bom o tal uso do passeio, e as rasões ficam ca guardadas no peito, — ou antes no tinteiro. D'um lado da sala se reuniram algumas *madamas* que assim se chamam as senhoras nos bailes, conversavam entre si e olhavam de vez em quando para mim; como pensei que a conversação versava sobre a minha pessoa dei toda a attenção aos movimentos que fariam; vi uma fallar com enthusiasmo, as outras riram-se e chamaram um *cava-lheiro*, tambem é termo usado em taes casas. O tal rapasola depois de ter acudido ao chamado, olhou para mim fez com a cabeça um signal affirmativo, desfazçou, e d'ahi a pouco, eis-o commigo:

de lisonja, ou a lei me amence com alguma pena por haver reconhecido o merito d'um principio velho, respeitando o direito de quem ainda vejo nascente e fraco.

(Por um homem de Estado. Traduzido.)

PUBLICAÇÕES NOVAS.

Reappareceu o jornal francez — *Le Nouvelliste*. — Seu redactor é já conhecido do publico; os 35 primeiros numeros de seu jornal mostraram quanto era a penna que os escrevia, e nós nos congratulamos com o publico d'esta capital com a reaparição do *Nouvelliste*.

Este jornal tende a dous fins, segundo a expressão de seu redactor — á sciencia politica, em primeiro logar, expondo os meios praticos que reclamam as necessidades positivas de nossa epocha, propondo ou combattendo os projectos cuja execução produza bens ou males sociaes; em segundo logar se dirige á philosophia, seguindo o movimento da moral, das sciencias, do commercio e da industria. — Longo é sem duvida o estadio que tem de percorrer o *Nouvelliste*, illimitado é o campo que tem de cultivar: nós lhe desejamos prosperidade para que possa cumprir suas promessas.

Viu a luz publica um jornal com o nome de *Guaycurú*. Parece que seu principal fim é desenvolver a magistosa idea de elevar-se já ao trono o Senhor D. Pedro II, concedendo-se-lhe supplemento de idade. Não sabemos que antipathia tem o *Correio* com esta idéa, parece que lhe não agrada, e por isso tracta de ridicularisar os que a propalam e discutem. Em nosso fraco entender julgamos que é ella objecto de decente e util discussão, a que se não devia negar o *Correio Official*. Os que sustentam a idéa de elevar já ao trono o Senhor D. Pedro II fundam-se, si bem temos entendido seus escriptos, nos perigos que re-

sultam dos interregnos, lançam as vistas pelo Brazil inteiro, e dão como causa de seus males a falta de estabilidade em todas as instituições, principiando pela instabilidade da authoridade, d'onde procede a falta de respeito que se lhe tem, e d'ahi um germen de immoralidade publica, e tudo isso attribuem ao interregno. Ao *Correio* como mais ao facto dos acontecimentos, tendo em sua mão, ou ao menos facilidade de colligir documentos que a elles deram logar, cumpre mostrar que a outras causas que não ao interregno se devem attribuir os males que pesam sobre o Brazil, ou ao menos mostrar que com a maioridade nem um obstaculo se oppõe a esses mesmos males. Melhor será sem duvida que o *Correio* discuta a questão, do que ridicularise em seus escriptos a maioridade de S. M. I. Não evite o *Correio* a discussão, deixe de lançar baldões aos escriptores da opposição, que com isso ninguém a recebe instrução, que sua habil penna deve ao publico, e antes se vão irritando os animos.

Foi annunciado para o dia 2 de maio, o *Jornal dos Debates politicos e litterarios*, que será escripto pelo snr. Francisco de Sales Torres Homem. Nada podemos aventurar sobre o novo jornal, mas o snr. Salles já é conhecido do publico do Rio de Janeiro, seus talentos são reconhecidos, e utilidade provirá certamente d'esta nova publicação, seja qual for o sentido em que escrever o snr. Salles.

Annunciou-se tambem a publicação do *Jornal do Imperio*, que se occupará com as sessões do senado. Desejamos ardentemente que a camara dos deputados imite o senado, e institua tambem algum jornal que dê á população brasileira uma idéa do que fazem os seus representantes.

MAIS UM FACTO PARA A BIOGRAPHIA DO SNR. ALENCAR.

Tendo sido absolvido na capital da provin-

cia do Ceará Francisco da Costa dos Anjos, que se achava indiciado por crime de morte, foi preso por ordem do governo da provincia logo que desceu as escadas da casa em que estava reunido o jury. Este Francisco da Costa dos Anjos requer ao presidente que o mande soltar, pede-lhe que tenha compaixão de sua desgraçada familia, que havia tanto tempo estava privada dos seus serviços, e tem por despacho, o seguinte: — *O supplicante está preso para ir para o Pará onde pôde matar gente á sua vontade*. Palacio do governo no Ceará 8 de agosto de 1836. — Alencar.

Não sabemos com que se deve comparar este celebre despacho do presidente do Ceará. Estamos no mundo e em tudo devemos acreditar. Quando nos contaram este facto, supposmos que zombavam de nós e nos tinham por summamente credulos, mas força foi convencerem-nos logo que nos mostraram o requerimento com o despacho do proprio punho do snr. Alencar.

Quantas vezes se tem dito aqui que o snr. Alencar não pôde faser a felicidade da provincia que lhe foi confiada? quantas vezes se tem dito que nem sempre o silencio e quietação dos povos indica seu contentamento, e que muitas vezes se deve attribuir á oppressão e tyrannia. Desgraçados Cearences! lembra-vos da constitucionalidade do exm.^o Regente, e si o presidente Alencar ainda não foi demittido é porque há entre a administração e o exm.^o snr. Feijó um ante-mural, que obsta que lhe chegue a verdade. Trema porém o snr. Alencar, si o exm.^o Regente do Imperio tiver noticia de suas arbitrariedades!

A celebre representação do Gongo-socco.

Na sessão de 21 de março discutiu-se na assembléa provincial o projecto de representação a Assembléa Geral á fim de que

iria ao chão si me não agarrasse ás gadelhas d'um gamenho que estava perto de mim. Então conheci que não eram cabelleiras, mas penteados a Sansão.

O barulho recresceu em um momento; a dança e jogo parou immediatamente: uns riam-se, o meu par lamentava seu vestido novo, que o *selvagem*, — assim me chamou! — havia espedaçado: a dama de *vis-à-vis* chorava com dores nos callos, e o gamenho occupava-se em pentear o cabelo que eu havia desarranjado, tendo tirado da algibeira um espelhinho e uma escova.

Eu.... eu ainda tinha na mão um masso de cabelos e aproveitando a geral confusão fui-me despedindo sem dizer cousa alguma, e com tanta pressa que em vez de trazer o meu chapéo, achei-me em casa com uma cousa que nem uma semelhança tem com chapéo, antes parece pasta de papeis. Por minha desgraça perdi á minha bella bongalilha!

Cheguei a casa enraivecido, mas depois que me passou o accesso de colera, dei rasão aos bailarinos, porque certo eu era uma ex-crescencia de mau gosto n'aquella planicie de bom tom, e podia-me bem comparar com uma verruga negra e cabelluda no rosto d'alguma dama clara e rosada. Jurei nunea mais ir a bailes, e desde já tenho por inimigo o desgraçado que me convidar para tão insipidos brinquedos.

N. S.

- Está uma bonita noite.
- E' verdade.
- O snr. — (que agora ninguem mais diz Vm.) O snr. gosta dos bailes pelo que vejo.
- Alguma cousa: e tenho verdadeiro pesar de ter uma vida tão laboriosa, porque a não ser assim eu não perderia nem um só.
- Então já sei que dança.
- Nada, não gosto d'esse exercicio.
- Canta ou toca sem duvida.
- Tambem não: quando podia aprender alguma cousa, apenas se tocava viola, e eu não quiz me dedicar a esse instrumento.
- Vem com destino de jogar o voltarete, wisth ou écarté?

- Não jogo, meu senhor.
- Então vem aqui unicamente divertir-se á custa alheia? E deu uma grande gargalhada.
- E' bem tolo, disse eu a mim mesmo. O sugeito foi, parece, dar conta da commissão, e houve muita risada e muita alegria.

N'este comenos nova contradança se arranjou, e como faltava um *cavalheiro* para uma *madama*, chegou-se a mim um *quidam*, que tinha por alfinete de peito uma pasta de metal, e luneta suspensa ao pescoço, e me disse:

— Queremos arranjarr uma outra *quadrilha*, mas falta um par e a exm.^a senhora D. F., que está prompta a dançar, lhe roga seja seu *cavalheiro*. Espero que v. s. não se equivará.

Tanta honra! dançar com uma excellencia!

Bem! via eu que muitos outros homens haviam na sala, mas pensei que se tinham esquivado, e por bom tom não quiz negar-me a este obsequio. Demais, eu queria mostrar a estes *passeculares* como é que se dançava.

Sahi do meu canto, e novos risos suffocados. A exm.^a com quem devia dançar era a filha d'um meu visinho, pobre homem que vivia de seu officio, e nunca teve titulos á excellencia; mas o bom tom desculpava este tratameento.

— *Pantalon!* gritou um sugeito; e a musica tocou uma contradança. — Sem luvas! disse a senhora com quem eu dançava, olhando para mim como espantada, e recusou dar-me a mão....

Não sei, ao primeiro pullo que dei, a sala retumbou com um murmuro surdo, mas ouviam-se distinctamente — *abas da cazaca*. — *correntes de campainha*, e em verdade, aqui para nós, as minhas correntes e sinetes faziam um retinido tão forte que se parecia com o som de vinte cascaveis juntos. Desconcertei-me, e ao segundo pulo, meti um pé pela barra do vestido do exm.^o meu par; querendo obviar este desmancho atirei-me para diante e fui justamente pisar com todo o peso de corpo o pé d'uma dama. Em conjunctura tão extravagante, com um pé prezo á barra do vestido do exm.^o par, com o outro sobre o pé da bella dama que me ficava *vis-à-vis*, fiz um movimento, perdi o equilibrio e certo